

Suplemento de Património

Duas pontes sobre o Rio Sousa

Cristiano Cardoso*

PONTE DE VILELA, AVELEDA

Nas Memórias Paroquiais de 1758, o pároco da freguesia de Aveleda deixou-nos uma breve, mas muito valiosa, descrição da ponte de Vilela. Este inquérito, enviado a todos os párocos do Reino, consistia num conjunto de 60 questões, divididas por três temáticas: Terra, Serra e Rio. Uma das questões que era levantada acerca do rio era a seguinte: *Se tem pontes de cantaria ou de pau, quantas e em que sítio?* O abade de Aveleda, Francisco Álvares de Azevedo, deixou-nos informações muito relevantes: *Tem huã ponte de Cantaria feyta, com perfeição, e segurança, e foy feyta por ordem de sua Magestade, que Deos guarde; esta ponte tem tres ilhães, e tem de Largura des, ou doze palmos e está situada entre vilella, e esta freguezia; o qual Lugar de vilella pertence á esta mesma freguezia, e os moradores do dito Lugar passão pella dita ponte para a Igreja ouvir Missa, e assistir aos Officios Divinos; e tãobem serve de passagem aos passageyros, que vem de villa de Conde, e daquellas partes para a Amarante, e para villa Real* (Cardoso, 1758: vol. 5, m. 50, p. 856).

Esta ponte une as margens do Rio Sousa, servindo um velho e importante caminho que ligava Penafiel a Guimarães, passando pelas Caldas de Vizela.

Situada entre várzeas, num dos trechos mais largos do rio, a configuração da ponte de Vilela adapta-se perfeitamente ao local. A sua estrutura, de quatro arcos redondos e três pegões cegos com talhamares e talhantes (contrafortes), revela a solidez e cuidado postos na sua construção. Apresenta o cavalete truncado, com o seu troço médio horizontal e os dois acessos inclinados. (Patrimonium, 1995:ficha 40)

Ao contrário do que é comum e popularmente aceite, nada de particularmente relevante sugere que se trate de uma ponte romana ou sequer românica. Ela será antes de Época Moderna.



Foto 1 – Ponte de Vilela antes do restauro

Carlos Alberto Ferreira de Almeida justifica que *pela ausência de vincada patine e de siglas, pela sua configuração geral, pela técnica utilizada nos arcos com aduelas muito largas relativamente à sua altura, tudo nos sugere que esta ponte foi feita na Época Moderna* (Idem, ibidem).

Aliás, a leitura das Memórias Paroquiais dá-nos uma pista importante. O padre refere que a ponte foi mandada fazer pelo rei, evidenciando, pois, um conhecimento muito claro sobre a origem e cronologia da mesma, bem presente na sua memória. Tal facto em nada lhe macula a importância, pois trata-se de uma magnífica construção que, como vimos, terá sido patrocinada pelo próprio monarca. De facto, consideramos improvável que o concelho, à época, tivesse capacidade para subvencionar uma obra desta envergadura, justificando-se o apoio régio. A ausência de siglas apontada por Ferreira de Almeida não é totalmente correcta. Com efeito, a ponte apresenta algumas siglas pelas faces interiores dos dois arcos mais próximos da margem direita. Estas correspondem, aproximadamente, às formas I, 2 e S, podendo existir outras formas, que

* Técnico Superior de Ciências Históricas da Câmara Municipal de Lousada.

só um levantamento exaustivo e com recurso a métodos adequados poderão ser identificadas. Em todo o caso, estas siglas não nos parecem pertencer a canteiros ou à sua identificação. Pelo facto de se localizarem somente nas faces interiores dos arcos, julgamos estar em presença de siglas de colocação.

É de particular interesse a relação entre as características arquitectónicas da ponte e o local em que foi implantada. A estrutura de quatro arcos redondos baixos, adapta-se de forma muito eficiente à topografia original do local, permitindo uma transposição de comprimento assinalável a uma cota relativamente baixa. Na época da construção da ponte o terreno envolvente apresentava-se com várzeas amplas, descendo de forma pouco acentuada para o rio, que passava muito estendido, alagando os campos. A necessidade de criação de plataformas de cultivo levaram ao encurtamento do leito do rio e ao aterro dos dois arcos mais próximos das margens, retirando parcialmente o papel aos dois talhamares.

A ponte de Vilela tem vindo a sentir o efeito de algumas ameaças, principalmente ao nível da envolvente. Desde logo, a ponte rodoviária, que praticamente encosta na antiga. Mas também as diversas construções que audaciosamente, se vão aproximando dela, ameaçando o seu equilíbrio com o meio.

A autarquia, juntamente com a Rota do Românico do Vale do Sousa (RRVS), tem vindo a articular meios e instrumentos para contrariar a continuidade destas situações, principalmente através do desenvolvimento de um projecto de requalificação das zonas envolventes aos monumentos integrantes da RRVS. No âmbito deste mesmo projecto está em curso o processo de classificação da ponte de Vilela e a definição de Zona Especial de Protecção para a envolvente.

A autarquia, juntamente com a Rota do Românico do Vale do Sousa (RRVS), tem vindo a articular meios e instrumentos para contrariar a continuidade destas situações, principalmente através do desenvolvimento de um projecto de requalificação das zonas envolventes aos monumentos integrantes da RRVS. No âmbito deste mesmo projecto está em curso o processo de classificação da ponte de Vilela e a definição de Zona Especial de Protecção para a envolvente.

PONTE DE ESPINDO, MEINEDO

Ponte de um arco e de tabuleiro em cavalete que une as duas margens do Rio Sousa já no limite do concelho de Lousada com o de Penafiel. Está situada numa zona estreita do rio e tem as suas bases solidamente sustentadas sobre grandes blocos graníticos.

Carlos Alberto Ferreira de Almeida salienta o aparelho pouco cuidado e pouco patinado das paredes. Analisando as aduelas do arco ressalta que estas são muito largas relativamente à sua altura e



Foto 2 – Ponte de Vilela após o restauro

constata a não existência de siglas (Patrimonium, 1995:ficha 21).

Situada na derivação da via que ligava Guimarães, pelas Caldas de Vizela, a Penafiel, a ponte de Espindo dá a ideia de uma *reconstrução marginal e com poucos recursos* (Pinto, 1992:ficha 19). Mendes Pinto considera-a medieval, sugerindo que a mesma sofreu uma reconstrução posterior ao século XVII (Idem, *Ibidem*).

A leitura atenta das Memórias Paroquiais de 1758 ajudam a balizar a época de construção desta estrutura. Comparando as respostas de vários padres à décima quinta questão da parte dedicada aos rios podemos facilmente constatar que a ponte não existia, fazendo-se a travessia através de uma ponte em madeira. Os padres de Alentém, Vilar do Torno e Meinedo referem todas as pontes de cantaria que conhecem sobre o Rio Sousa: Veiga, Vilela, Novelas e Cepeda.

O pároco de Alentém, João Teixeira Osório, diz que *tem mais asima hum coarto de Legoa a unica ponte de cantaria de hum Arco, chamada da Veyga, na freguezia de Samfins, e outros varios pontilhoes de pau e pedra, en diverssas partes, e para bayxo, tem de cantaria arcoada as pontes de Villela, Novelas, Sepeda, de que tenho notiçia* (Cardoso, 1758: vol. 2, m. 41, p. 405).

O abade Francisco José de Sousa e Azevedo, de Vilar do Torno, corrobora a informação do vizinho vigário de Alentém, respondendo da mesma forma (Idem, *Ibidem*: vol. 41, m. 309, p. 1880).

Já o padre de Meinedo, Francisco Peixoto da Costa, afirma que o rio *tem quatro pontes de cantaria, huã chamada a Ponte da Beiga, que fica quazi no principio; donde se ajuntão as fontes de seu principio, digo, de seu nascimento; a outra cháma-se a Ponte*

de Villella, distante meya Legoa da primeyra; a outra chãma-se a Ponte de Novellas distante huã Legoa da de Villella; a outra q. he a ultima, que conhece, chama-se a Ponte da Cepeda, que fica distante meya Legoa da de Novellas, e estas duas ficão vizinhas da Villa de Arrifana de Souza: e tem este Rio bastantes pontes de pao; (Idem, Ibidem: vol. 23, m. 112, pp. 728 e 729). O padre de Cernadelo identifica uma ponte de padieiras na sua freguesia, que julgamos tratar-se da ponte das Poldras, e refere as duas de cantaria que conhece dentro dos limites do concelho de Lousada – Veiga e Avelada: *Tem este Rio nesta mesma freiguezia huã ponte que passão Carros por ella, porem não he de Cantaria mas sim são huas pedras Compridas postas toscamente; tem asima desta freiguezia Aonde chamão a ponte da beiga huã ponte de Cantaria que he na freiguezia de sam fins, tem mais huã de taboas e traves na freiguezia de Alentem, e tem outra de Cantaria na freiguezia de Abelleda são as que eu sei* (Idem, Ibidem: vol. 10, m. 275, p. 1878).

Há, depois, as importantes informações adicionais que nos dão os padres de Meinedo e Bustelo. O primeiro, à informação anterior, acrescenta que *no destrito desta freguezia tem duas de pao, e huã de padyeirias de pedra* (Idem, 1758: vol. 23, m. 112, p. 729). A ponte de padieiras a que o pároco se refere é, certamente, a de Casais, constituída por cinco pilares sobre os quais estão lançadas grande lajes de pedra.



Foto 3 – Ponte de Espindo antes do restauro

Contudo as informações do padre de Bustelo, freguesia vizinha de Meinedo, são as mais claras e precisas: *As pontes que aqui perto tem são: Húa chamada de Novellas de cantaria, e outra chamada do Codeço, mas fraca, húa de páo no lugar de Espindo chamada de Espindo* (Coelho, 1987/88: 272).

Já o Prof. Carlos Alberto Ferreira de Almeida, contando apenas com a análise arquitectónica, colocou muitas dúvidas quanto à origem mais antiga desta ponte, afirmando que *nada se vê que o garanta nem a sua técnica, nem a patine, nem a solução do seu arco*. Apontava antes para que se tratasse de uma obra do século XVII. (Patrimonium, 1995: ficha 21).



Foto 4 – Ponte de Espindo após o restauro

A exposição aqui apresentada, tendo como base a leitura e interpretação das Memórias Paroquiais, permite avançar com segurança que a ponte de Espindo foi construída após 1758. Antes, no lugar de Espindo havia uma simples ponte de madeira. A travessia preferencial do Rio Sousa em Meinedo fazia-se, então, pela ponte de Casais.

A ponte de Espindo foi alvo de um restauro profundo no âmbito da Rota do Românico do Vale do Sousa, intervenção que procurou eliminar alguns problemas que poderiam acelerar o seu processo de degradação e impedir uma leitura correcta do monumento (Monte, 2005: 211-214). Está em curso a sua classificação e a definição de Zona Especial de Protecção para a envolvente.

PONTES, PONTÕES, PASSADIÇOS...

As respostas ao Inquérito Paroquial de 1758 são uma fonte preciosa de informações acerca dos rios e das pontes de cada terra.

Para além das pontes que referimos, o Rio Sousa era transposto de variadas formas. Havia pontes em grande número, embora fossem umas de padieiras de pedra e outras em madeira, sendo estas em número muito mais significativo. Algumas só permitiam a passagem de uma pessoa de cada vez, sendo absolutamente inadequadas para o trânsito de carroças e mulas carregadas.

As de madeira eram muito menos duradouras, quer pelas características perecíveis do material usado, quer pela menor resistência a intempéries como as cheias. Provavelmente seriam reconstruídas, ou pelo menos reparadas, todos os anos. Estas pontes poderiam associar a pedra na sua estrutura, mediante um pilar de cantaria assente no leito do rio, sobre o qual seria lançado o tabuleiro em madeira. No lugar do Moinho Novo, em Cernadelo, podemos observar os vestígios do que seria uma estrutura deste tipo, agora com o tabuleiro em betão.

As pontes de padieiras de pedra constituíam uma forma acessível e simples de construir um ponto de atravessamento durável sobre o rio. São exemplos deste tipo a de Pias, junto aos moinhos, e a de Casais, em Meinedo, igualmente junto de um velho núcleo de moinhos. A resistência destas pontes é assinalável. A ponte de Casais já existia em 1758 e seria o local mais usado para transpor o Rio Sousa pelas populações que percorriam a parte sul do concelho. Resistiu, certamente, a inúmeras cheias, inclusivamente à que destruiu por completo os moinhos. Estas pontes, apesar da sua simplicidade, foram construídas com um certo cuidado e com recurso a elementos estruturais eficientes como os talhamares, em Pias e em Ca-



Foto 5 – Ponte de Casais, em Meinedo

sais, e a união das padieiras através do sistema macho-fêmea, na de Casais.

Apesar de existirem em grande número, poucos seriam os locais de atravessamento dos rios e ribeiros que ofereciam condições de segurança a um tráfego constante de cargas e pessoas, logo, estes pontos, eram muito bem conhecidos por toda a comunidade, pelos moleiros e, muito especialmente, pelos párcos, cuja função pastoral implicava constantes deslocações.

É frequente e compreensível a associação destas estruturas de atravessamento aos locais onde havia moinhos. É assim em Poldras (Cernadelo), em Barrimau (Aveleda), em Pias, em Casais (Meinedo) e em Sousa (Lodares). A actividade molinológica era uma pedra basilar da economia das terras. O fluxo de carros carregados de cereal era intenso e, dos moinhos, eles partiam para todo o concelho para a distribuição das farinhas.

As pontes, pontões, passadiços ou poldras foram elementos estruturantes do território e constituem hoje um legado patrimonial de enorme valor que cumpre respeitar e preservar de forma competente e digna.

Bibliografia Consultada:

CARDOSO, L., (P.º) (1758) – Memórias Paroquiais do padre Luís Cardoso ou Dicionário Geográfico. [Cópia do Manuscrito Original].

COELHO, M. F. (1987/88) – *O concelho de Penafiel nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Separata de Boletim Municipal de Cultura. 3.ª série, n.º 4/5. Penafiel: Câmara Municipal.

Patrimonium: Inventário das Terras de Sousa. Con-

celhos de Felgueiras, Lousada e Paços de Ferreira (1995). [CD-ROM]. Porto: Edição Etnos, Lda.

PINTO, J. M. S. M. (1992) – *Património arqueológico de Lousada. Plano Director Municipal de Lousada*. Lousada: Câmara Municipal. Policopiado.

MONTE, H. (2005) – Pontes românicas sobre o Rio Sousa: ponte de Espinho e ponte de Vilela. In 2.º Seminário *A intervenção no património práticas de conservação e reabilitação*. Porto 12 a 14 de Outubro de 2005, FEUP/DGEMN, Porto, 2005. pp. 211-217.